



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

LAYANE JOYCE ROSA MAIA

GOLFINHOS DA AMAZÔNIA SOB O OLHAR DE CRIANÇAS E JOVENS NO  
MUNICÍPIO DE SALINÓPOLIS, NORDESTE PARAENSE.

Belém - PA

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

LAYANE JOYCE ROSA MAIA

GOLFINHOS DA AMAZÔNIA SOB O OLHAR DE CRIANÇAS E JOVENS NO  
MUNICÍPIO DE SALINÓPOLIS, NORDESTE PARAENSE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências  
Biológicas, Modalidade Biologia da Universidade  
Federal do Pará, como requisito parcial para  
obtenção do grau de Licenciada em Biologia.

Orientadora: Dra. Angélica Lúcia Figueiredo  
Rodrigues.

Biologia e Conservação de Mamíferos Aquáticos da  
Amazônia

Belém-PA

2017

LAYANE JOYCE ROSA MAIA

GOLFINHOS DA AMAZÔNIA E OS SENTIMENTOS DESPERTADOS EM CRIANÇAS  
NO MUNICÍPIO DE SALINÓPOLIS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Modalidade Biologia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Biologia.

Orientadora: Dra. Angélica Lúcia Figueiredo Rodrigues.

Biologia e Conservação de Mamíferos Aquáticos da Amazônia

---

Avaliador: Msc. Danilo Leal Arcoverde

Biologia e Conservação de Mamíferos Aquáticos da Amazônia

---

Msc. Tayná Leão Miranda

Biologia e Conservação de Mamíferos Aquáticos da Amazônia

---

## **AGRADECIMENTOS**

Meu muito obrigado à equipe maravilhosa em que trabalho, onde tive a oportunidade de aprender com pessoas apaixonadas pelos mamíferos aquáticos e que sempre estão dispostos para ensinar. Valeu BioMA, vocês são 10!!!

Minha orientadora Angélica sempre disposta a orientar e muito acessível, em momento algum se colocou de forma superior. Sinceramente não consigo imaginar orientadora melhor.

Meu muuuuito obrigada para chefita Ana Andrade, você foi fundamental para a conclusão desse trabalho. Obrigada por abrir sua casa e cozinhar durante as orientações rsrs.

Também quero agradecer à Tayná por todo apoio e risadas durante campo. Muito obrigada!

Obrigado aos meus amigos da graduação que me avisavam das informações que eu sempre esquecia, principalmente à Paula e Luciano. Com certeza vocês me ajudaram nessa etapa final das aulas, tanto nos trabalhos e conselhos.

Agradeço ao meus pais Gerson, Celina e Antonio, vocês me deram a base para hoje estar aqui. Sempre se preocuparam em me dar a melhor educação.

Obrigada ao meu marido lindo, que sempre me apoiou durante esses anos de graduação, além de me levar e buscar. Obrigada pelos conselhos e paciência durante os meus ataques de crise existencial. Te amo!

E a Deus, o mais importante. Onde iluminou e acompanhou meus passos até aqui. É o motivo pelo qual respiro, acordo, ando, falo e vivo. Minha vida só faz sentido, porque o tenho. Obrigada Pai.

## LISTA DE FIGURAS

---

Figura 1	Exemplar de <i>Inia</i> sp.	11
Figura 2	Exemplar de <i>Sotalia</i> sp.	12
Figura 3	Olho do boto comercializada em feira livre do mercado de Icoaraci, em Belem, Pará.	14
Figura 4	Genital do boto comercializado em feira livre do mercado de Icoaraci, em Belem, Pará.	14
Figura 5	Gordura do boto comercializado em feira livre do mercado Ver-o-Peso, em Belem, Pará.	14
Figura 6	Mapa de localização da área de estudo.	16
Figura 7	Imagem das escolas estudadas no município de Salinópolis.	17
Figura 8	Imagem dos animais utilizado no “Jogo de imagens”.	19
Figura 9	Gráfico amostra de idade dos alunos de ambas escolas.	23
Figura 10	Gráfico animais com tendência positiva.	24
Figura 11	Gráfico animais com tendência negativa.	25
Figura 12	Gráfico animais com tendência neutra.	25
Figura 13	Gráfico dos nomes atribuídos ao boto rosa.	30
Figura 14	Gráfico dos sentimentos despertados pelo boto rosa.	31
Figura 15	Gráfico de justificativas para o boto rosa.	32
Figura 16	Ilustração do Boto rosa na E.M.E.F Temístocles Raiol.	33
Figura 17	Gráfico dos sentimentos despertados pelo boto cinza.	35
Figura 18	Gráfico das justificativas atribuídas ao boto cinza.	36

---

## LISTA DE TABELAS

---

Tabela 1	Tabela do percentual da profissão dos responsáveis.	22
Tabela 2	Tabela de justificativas atribuídas aos sentimentos despertados pelos animais nos alunos.	26
Tabela 3	Tabela das principais justificativas com tendência positiva.	27

---

## RESUMO

Os golfinhos são caracterizados como animais carismáticos, mas em muitas comunidades da Amazônia esses animais são visualizados negativamente. A partir dessa realidade nosso objetivo durante a pesquisa foi investigar quais sentimentos os estudantes de Salinópolis, importante polo turístico paraense, nutrem pelos mamíferos aquáticos amazônicos, a fim de futura implementação de projetos de conservação. A metodologia foi desenvolvida em duas escolas municipais, totalizando 32 alunos do 4º ano do ensino fundamental. A pesquisa se desenvolveu em dois dias em cada escola. O primeiro dia realizamos atividade de familiarização dos pesquisadores com as crianças. No segundo dia, seguimos com as entrevistas. Os resultados demonstram que a maior parte dos alunos se manifestam de forma indiferente ao boto rosa, porém se tratando do boto cinza, a maior parte dos alunos nutriam simpatia por ele, justificado por muitos devido a sua aparência “fofa” e bonita. A partir do trabalho faz se necessária criação de projetos de conservação dos mamíferos aquáticos e possível implementação do boto cinza como espécie bandeira na região, uma vez que Salinópolis é área de ocorrência da espécie e importante polo turístico e pesqueiro.

**Palavras chaves:** Botos; Sentimentos; Estudantes

## **ABSTRACT**

Dolphins are characterized as charismatic animals, but in many Amazonian communities these animals are viewed negatively. Based on this reality our objective during a research was to investigate the student feelings of Salinópolis, an important tourist destination, that has by Amazonian aquatic mammals, a future implementation of conservation projects. The methodology was developed in two municipal schools, totaling 32 students from the 4th year of elementary school. The research developed over two days in each school. The first day carries out the students' familiarization activity with children. On the second day, we continued with interviews. The results show that most of the pupils are indifferent manifestations of the pink boto, however, when dealing with gray boto, most of the students had sympathy for him, justified by many because of its "cute" and beautiful appearance. From the work of creating conservation projects of aquatic mammals and an implementation of gray boto as a type of flag in the region, since Salinópolis is an area of occurrence of the species and important pole and fishing.

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	100
2.OBJETIVOS .....	155
2.1OBJETIVO GERAL .....	155
2.2OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	155
3.MATERIAL E MÉTODO .....	166
3.1ÁREA DE ESTUDO.....	166
3.2ESCOLAS .....	177
3.3LEVANTAMENTO DE DADOS .....	188
3.4ANÁLISE DE DADOS .....	200
4.RESULTADO E DISCUSSÃO .....	211
5.CONCLUSÃO .....	377
6.REFERÊNCIAS.....	388
7.ANEXO – Ficha para entrevista semiestruturada.....	43

## INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, animais e seres humanos sempre se relacionaram, tanto de forma amistosa ou conflituosa. O grau de proximidade e dependência é fundamental para identificarmos se a relação envolve respeito e afeto ou medo e aversão (Alves e Rosa, 2008; Santos Fita e Costa Neto, 2007). Os conflitos podem ser gerados por diversos fatores, tais como: risco de transmissão de doenças, risco de morte às pessoas, danos em plantações, criadouros e redes de pesca, por isso, há intolerância a animais silvestres como cobras, morcegos, grandes felinos, dentre outros, o que pode induzir a caça e matança dos mesmos (Scavroni et al., 2008; Mendonça et al., 2012).

Na Amazônia os golfinhos são citados como protagonistas dos conflitos entre homem e fauna silvestre, possuindo alto valor simbólico na região, uma vez que são símbolos de mitos e lendas, além de competirem juntamente com os pescadores, pelos peixes capturados nas redes de pesca (Alves et al., 2012). Além disso, partes de seu corpo é usado para confecção de medicamentos, iscas, atividades culturais e fins mágico-religiosos (Alves et. al., 2008). Existem dois gêneros de golfinhos amazônicos: o boto-rosa, *Inia* sp, e o boto cinza ou tucuxi, *Sotalia* sp.

*Inia* sp é o maior de todos os golfinhos de rio, conhecido por diversos nomes ao longo de sua distribuição, como, boto-vermelho, boto-rosa e boto-malhado. Ocorre em todo norte na América do Sul- Brasil, Colômbia, Peru, Bolívia, Equador e Venezuela- (Da Silva et al., 2008; Santos et al., 2012). O gênero inclui três espécies: *Inia geoffrensis*, *Inia boliviensis* e *Inia araguaiaensis*. Dentre suas principais características, possui corpo pesado, podendo chegar a 2,5m e 180 kg, robusto e bastante flexível, justamente por conta da presença de vértebras cervicais não fusionadas, o que lhe permite movimentar a cabeça em todas as direções e em ângulos maiores (da Silva et al., 2008). Sua dieta inclui peixes pequenos à grandes peixes-lisos, com mais de 1m de comprimento. Durante o forrageio, o boto-rosa pode adentrar por canais dos rios, planícies e florestas alagadas. Possui comportamento predominantemente solitário (da Silva et al., 2008). Raramente são observados em grupos de mais de três indivíduos, porém durante o período reprodutivo podem ser encontrados em grupos (Best e da Silva, 1989). São animais curiosos com tendência ao contato físico, que lhe confere comportamento de encostar em canoas e aproximar-

se de pessoas enquanto nadam, que por vezes, é interpretado pela comunidade como ato de “maldade”, principalmente quando esse contato ocasiona a derrubada da canoa (Slater, 2001; Rodrigues *et al.*, 2012; Rodrigues *et al.*, 2015).



**Figura 1 - Exemplar do boto rosa - *Inia sp.* (Fonte: Acervo BioMa)**

Já o gênero *Sotalia sp.* inclui duas espécies, *Sotalia guianensis* (boto-cinza), que pode atingir 2,2m e 120 kg e *Sotalia fluviatilis* (tucuxi), que chega 1,5m e 60 kg, mas aqui serão tratadas apenas a nível de gênero, uma vez que para a identificação da espécie é necessário análise genética e outros parâmetros biológicos como a morfometria craniana e aspectos comportamentais. Sua distribuição é ao longo da região costeira do Pará a Santa Catarina e nas bacias dos principais rios da Amazônia. Não apresentam dimorfismo sexual, portanto o reconhecimento é feito somente pela genital da fêmea. O gênero pode ser avistado em pequenos grupos ou grupos de mais de 20 indivíduos durante período reprodutivo e atividades de forrageio (Barreto *et al.*, 2011).



**Figura 2 – Exemplar do boto cinza - *Sotalia* sp. (Fonte: Acervo BioMa)**

Na Amazônia, o boto-rosa é o gênero alvo de atração turística. Durante as visitas, turistas são levados às áreas de ocorrência do grupo, principalmente em Novo Airão-AM, onde é feita a alimentação desses animais (Romagnoli, 2011). Porém, esse contato, se não estudado cautelosamente, pode ocasionar efeito inverso, ameaçando tais espécies, comprometendo comportamentos de alimentação, cuidado parental e relações sociais (Reeves et al., 2003).

A interação entre o boto-rosa e o pescador é conhecida por esses animais perfurarem redes de pesca para roubar peixes, causando danos ao material de pesca, e por vezes, a consequência é a morte do animal por emalhe ou retaliação por parte dos pescadores. (Moraes e Santos, 2011). Nos locais onde essa sobreposição ocorre, os botos são visualizados como espécies inimigas dos pescadores (Trujillo et al., 2010; Alves et al., 2010).

Rodrigues e Silva (2012) realizaram um estudo sobre as percepções de crianças ribeirinhas acerca dos botos, através de redações sobre esses animais em uma escola da região insular de Abaetetuba, Pará. Mais da metade (54%) classificou os botos com adjetivos negativos (medo, feio, mau), isso pode ter sido atribuído ao fato de nessa região os pescadores declararem que os estragos em suas redes são causados pelo boto rosa, explicando a avaliação negativa por parte dos filhos dos pescadores.

O boto também é um dos protagonistas mais conhecidos na cultura amazônica, cercado de lendas, o que gera sentimentos como medo, curiosidade e especulação,

oferecendo-lhe condição de encantados, ocupando lugar especial no imaginário popular (Rodrigues et al., 2008). A lenda mais conhecida na região conta que o Boto assume o corpo humano e em noites de festa, consegue transformar-se um belo homem, sempre trajando roupas brancas e chapéu, a fim de esconder o espiráculo<sup>1</sup>, afirma a lenda que esse formoso homem é tão atraente, sendo impossível resisti-lo. Após ser seduzida pelo boto, a mulher que está sobre seus encantos é levada até o rio, onde o animal metaformizado se engravida (atribuindo ao boto diversas crianças com paternidade desconhecida) (Slater, 2001; Lima, 2010)

Uma das características atribuídas a ele é de sedutor aquático, seres poderosos que personificam as forças do céu e da terra, possuindo dimensão/atração sexual enorme. Essa relação está ligada com a capacidade desses animais atraírem tanto homens e mulheres contra sua própria vontade, o que resulta na procura de seu olho (Figura 3) e genitais (Figura 4), que funcionam como atrativos sexuais (Slater, 2001). Muitos utilizam a pele seca do boto para fazer fumigação em caso de ferrões de arraia e picada de cobra (Slater, 2001). Além de sua gordura (Figura 5) ser usada como remédio e impermeabilizante de canoa. Todas essas peças anatômicas podem ser encontradas facilmente em feiras ao ar livre, a exemplo do Ver-o-Peso em Belém (Alves e Rosa, 2008; Alves, 2010).

Em muitas comunidades locais da Amazônia acredita-se que os botos são animais sensíveis ao cheiro da menstruação, e detectam a presença de uma mulher menstruada de longe, e quando a percebem, acompanham essas mulheres, o que causa sentimento de medo e desconforto por parte dessas mulheres. Muitas afirmam que durante o período menstrual ficavam sem sair de suas casas. Outro simbolismo ligado a esses animais é em relação a sua onisciência, onde se acredita que eles possuem o poder de ler o pensamento das pessoas, o que explicaria o fato de serem difíceis na captura com as técnicas da pesca tradicional (Slater, 2001).

---

<sup>1</sup> Espiráculo: Orifício que se encontra na parte superior da cabeça, por onde o animal respira.



Figura 3 - Olho do Boto (Fonte: Miranda, T.L)



Figura 4 - Pênis do Boto (Fonte: Miranda, T.L)



Figura 5 - Gordura do Boto (Fonte: Acervo BioMa)

## 2.OBJETIVOS

### 2.1OBJETIVO GERAL

Investigar quais sentimentos despertados e as relações dos estudantes com os golfinhos amazônicos.

### 2.2OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Descrever o contexto sociocultural das crianças;
- ✓ Identificar as relações prévias dos alunos com os animais;
- ✓ Identificar os sentimentos dos estudantes relacionados aos mamíferos aquáticos;
- ✓ Identificar se os mamíferos aquáticos se destacam entre os animais reconhecidos pelas crianças.

### 3.MATERIAL E MÉTODO

#### 3.1ÁREA DE ESTUDO

A área estudada no trabalho foi o município de Salinópolis, microrregião do salgado paraense. A qual, possui área de aproximadamente 237,738Km<sup>2</sup> e densidade demográfica de 157,40 hab/Km<sup>2</sup> (IBGE, 2016), distante aproximadamente 220Km da capital paraense. Sua economia gira em torno do turismo e da pesca. Sendo um importante polo turístico na região, que durante o período de férias e feriados é um dos principais destinos dos paraenses. Abaixo encontra-se o mapa da região e a localização das escolas participantes da pesquisa.

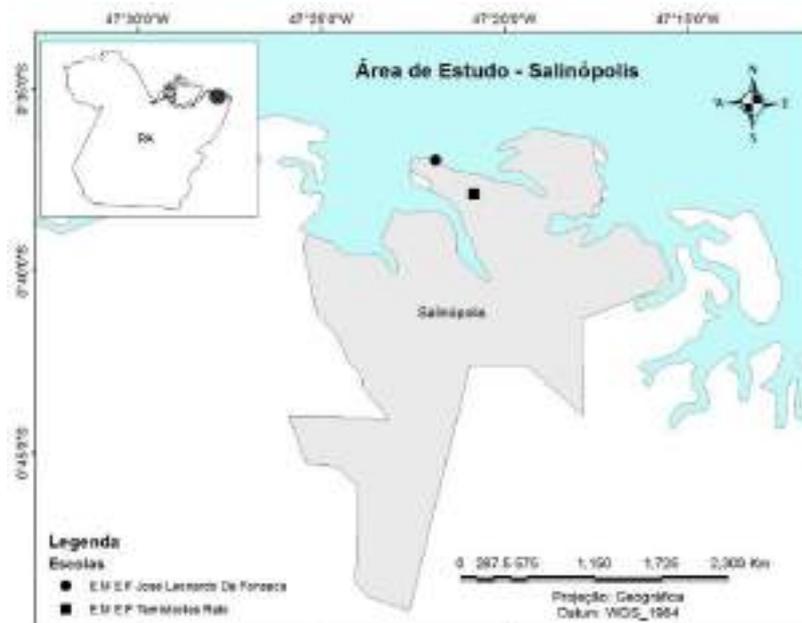


Figura 6 - Localização da área de estudo e escolas estudadas

### 3.2. ESCOLAS

As escolas escolhidas estão localizadas no município de Salinópolis, por acreditarmos que os alunos matriculados estão em contato com o ambiente aquático. O critério de escolha das escolas partiu da necessidade de perceber se haveria diferença entre as escolas mais próximas a praia e distantes.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Temístocles Raiol (Figura 7.B), está localizada no centro da cidade, a instituição possui estrutura de alvenaria, pisos lajetados e salas de aula climatizadas. A escola foi recentemente reformada e dispõe de amplo espaço e excelente infraestrutura. Atendendo do ensino infantil até o ensino fundamental menor.

A Escola Municipal José Leonardo da Fonseca, fica localizada próximo a praia da Corvina (Figura 7.A). A instituição possui estrutura de alvenaria e dispõe de 4 salas de aula não climatizadas. Embora a escola seja menor, as salas são bem estruturadas, com espaços de leitura e materiais didáticos. Atende o ensino infantil até o ensino fundamental menor.



Figura 7 - Imagem das escolas José Leonardo da Fonseca (A) e Temístocles Raiol (B).

O público alvo da pesquisa são estudantes de fundamental menor, de escola pública, compreendidos na faixa etária de 9-12 anos do 4º ano do ensino fundamental. Participaram dessa pesquisa o total de 32 alunos, sendo 18 da Escola Municipal de Ensino Fundamental Temístocles Raiol e 14 alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Leonardo da Fonseca (Tabela 1).

### 3.3 LEVANTAMENTO DE DADOS

Inicialmente foi feita reunião de apresentação do projeto junto à escola e corpo docente, dentro da programação escolar. Em seguida nos inserimos na sala de aula como participantes, para realizar a dinâmica denominada “quebra-gelo”, a fim de familiarizar as crianças com os pesquisadores. Durante esse processo, solicitamos que os alunos fizessem desenhos que retratassem as atividades que mais gostam de fazer, deixando-os à vontade para as etapas seguintes da metodologia, que foi dividida em duas etapas:

1) Foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Manzini, 2004) para obter dados sobre o cotidiano desse estudante, com perguntas sobre seu dia-a-dia (costuma ir à praia; o que faz na praia; se já viu algum animal aquático; que animal avistou; qual sentimento ao visualizar o animal), pois foi necessário entender como cada entrevistado interage e percebe o ambiente que vive.

2) Em um segundo momento, realizamos metodologia intitulada “Jogo de Imagens” que consistiu em colocar fotos de 15 animais (Figura 8) previamente selecionados sobre uma mesa e solicitar que o aluno nomeie e escolha os animais que gosta e não gosta, de modo a identificar quais animais os estudantes possuem maior afeição e os sentimentos nutridos por eles. Durante esse momento, os alunos foram indagados do porquê da escolha de cada um.



**Figura 8 - Imagem dos animais utilizado no “Jogo de imagens”**

Como o intuito do trabalho foi investigar quais sentimentos as crianças das escolas estudadas em Salinas nutriam pelos golfinhos amazônicos, utilizamos os demais mamíferos como grupo controle e comparativo. Para representar os mysticetos (cetáceos com barbatanas) escolhemos a baleia jubarte, espécie-bandeira de projetos de conservação dos cetáceos no Brasil e que constantemente tem sua imagem vinculada nas mídias por conta da sua vocalização, encalhes e migrações durante os períodos reprodutivos. Outro grupo de mamíferos aquáticos bastante divulgado pela mídia é da Orca, justamente por protagonizar filmes como “Free Willy” e “Orca a baleia assassina”, embora não esteja no grupo das baleias (mysticetos), é popularmente conhecida como tal. A Orca está dentro do grupo dos odontocetos (cetáceos com dentes) e é considerada um grande golfinho. Outro grupo que usamos como comparativo foi o peixe-boi (ordem sirenia), espécie símbolo e carismática na Amazônia, que o torna espécie-bandeira em campanhas de conservação.

Cachorro e gato, por compor os animais mais usados como pet; macaco de cheiro e arara por serem integrantes conhecidos da fauna amazônica; tartaruga, devido sua ocorrência na região litorânea paraense. E finalmente optamos por inserir barata; aranha; sapo; cobra e marimbondo, levando em conta os estudos prévios que demonstram que são animais que geram comportamento de aversão.

### 3.4ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram analisados de forma quali-quantitativa em que foi realizado o estudo de frequência, categorização e correlações e análises em cluster com o auxílio do software Excel.

Dos animais usados, classificamos em três categorias: 1) positivos- animais que os estudantes escolherem como animais de sua preferência. 2) negativos – os que os alunos afirmaram não gostar. 3) neutros – animais em que os entrevistados se mostraram indiferentes, ou seja, não foram escolhidos no jogo de imagens. Depois analisamos as justificativas que os alunos atribuíram para tal categorização.

#### 4.RESULTADO E DISCUSSÃO

Inicialmente pensamos em tratar cada escola como uma amostra, por acreditar que haveriam diferenças significativas nas análises, porém esse padrão não foi confirmado durante a maior parte dos resultados, indicando que mesmo com a vivência dos estudantes da escola José Leonardo ao lado da praia, essa relação não foi suficiente para separar as realidades encontradas nas instituições de ensino. Diante dessas constatações as duas unidades escolares foram tratadas como uma única amostra, com exceção daqueles resultados que apresentaram diferenças superior a 20%.

Embora os entrevistados tenham dito que eram frequentadores das praias do município, quando questionados sobre a frequência com que iam à esses locais, os alunos da escola Temístocles Raiol 94% disseram ir aos finais de semana. Já na escola José Leonardo, 79% confirmaram ir aos finais de semana e 14% sempre. É importante destacar que ainda que os alunos da escola José Leonardo vivam no contexto da praia, possivelmente, muitos consideram somente ser frequentadores quando vão durante o lazer. Sugerimos que embora os alunos estejam inseridos nesse contexto, não se sentem parte dele, por tanto, mesmo próximo, estão longe o que pode ter influenciado na não existência de diferenças significativas para as análises.

Cerca de 85% dos 32 entrevistados citaram que suas tutoras eram donas de casa. Então, a classificação da tabela 2 corresponde aos sujeitos que os estudantes convivem, que por vezes eram os avôs, padrastos e tios. Na tabela 2 apresentamos as profissões com maior frequência na fala dos alunos. As profissões dos tutores que foram citadas menos vezes foram agrupadas na categoria outros que compreende as profissões de taxista, policial, caixa, vidraceiro, eletricitista, e serviços gerais.

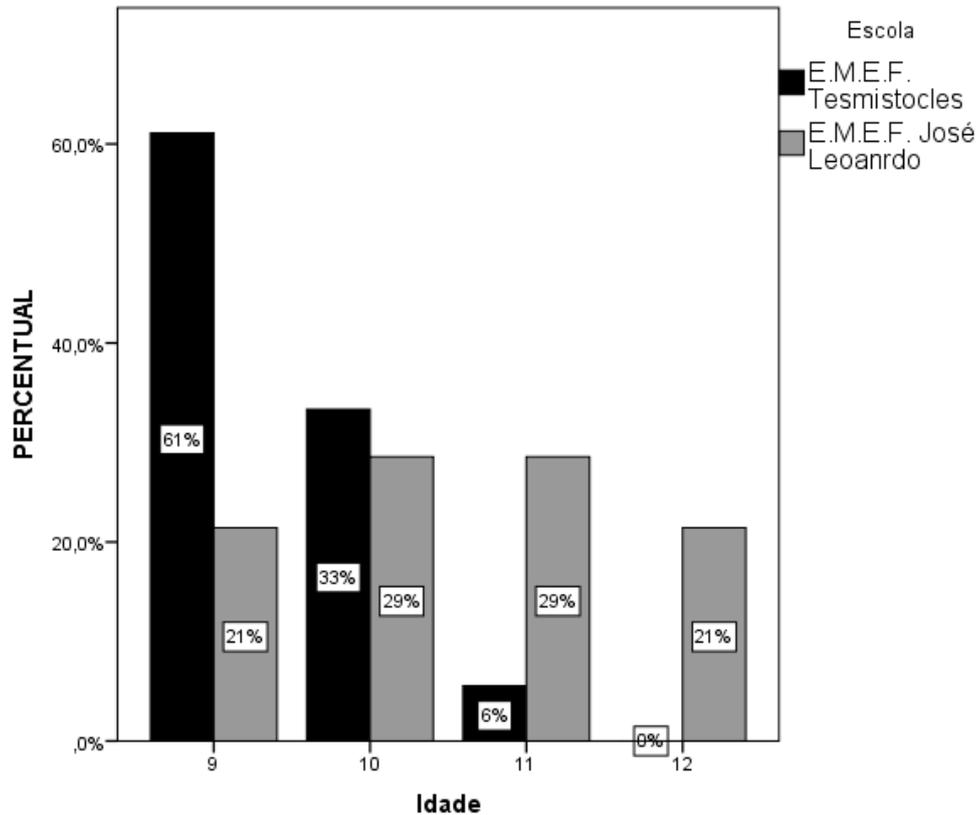
A partir da análise da profissão dos pais, percebemos a predominância de “filhos” de pescadores 43% na escola localizada próxima a praia da Corvina, e segundo a diretora, maior parte dos alunos mora em casas em frente à essa praia, o que favorece essa relação com a pesca, diferentemente do padrão encontrado na escola Temístocles Raiol, localizada na região central da cidade, em que as profissões dos pais/responsáveis estavam mais distribuídas em outras ocupações (Tabela 2). Outro aspecto que altera a frequência dos alunos na escola localizada próximo a praia, é a

influência direta do regime de maré e chuvas na região. Quando chove e a maré está alta, muitos alunos ficam impossibilitados de ir à aula por não conseguirem sair de suas casas.

**Tabela 2 – Percentual acerca da profissão dos responsáveis.**

Profissão	E.M.E.F Temístocles Raiol	E.M.E.F José Leonardo
Pescador	6%	43%
Caseiro	28%	0%
Vendedor	22%	14%
Outros	39%	43%
Não sabe	6%	0%

A análise dos desenhos recolhidos na atividade “quebra-gelo”, nos alunos da escola Temístocles Raiol, mostrou que 54% dos desenhos estavam relacionados a atividades lúdicas (brincadeiras de corda, bola e corrida), 33% estavam relacionados a praia e 13% eram desenhos aleatórios (casa, boneco, carro). Na escola José Leonardo, 74% dos alunos realizaram desenhos aleatórios (paisagens, objetos, flores), 16% estava ligado à pesca e apenas 10% fazia alusão as atividades lúdicas. Essa diferença na predominância dos desenhos que retratam atividades lúdicas, na escola Temístocles Raiol, e pinturas com imagens aleatórias da escola José Leonardo, pode ter ocorrido pela variação de idade entre os estudantes (Figura 9), pois os alunos de menor idade estão na escola central, o que favorece a oportunidade do brincar. No ato desenhar, o indivíduo resgata informações a partir de suas experiências, valores, sentimentos e relações com o ambiente em que se encontra (Piaget, 2005).



**Figura 9 – Gráfico amostra de idade dos alunos de ambas escolas.**

Os gráficos (Fig. 10,11,12) correspondem a uma categoria de sentimentos (positivo, negativo e neutro), conforme a classificação dos alunos. Na categoria de sentimentos positivos (Figura 10), o cachorro representou o animal mais carismático com 97% das escolhas, seguido do gato, arara, tartaruga, boto cinza e macaco. No grupo dos animais negativo (Figura 11), barata e sapo com 94% de rejeição, seguidos da cobra, aranha e caba (vespa), respectivamente. Dentre os animais neutros (Figura 12) estão a baleia jubarte, orca, peixe-boi e boto rosa.

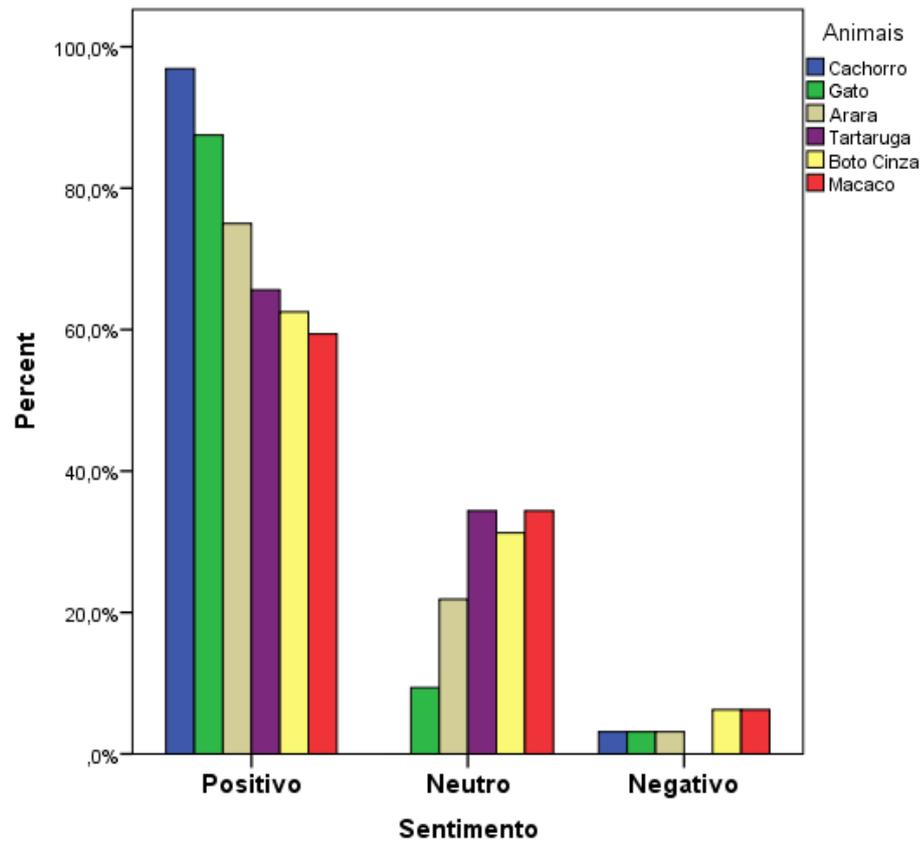


Figura 10 – Grupos de animais com tendência positiva na escolha pelos alunos.

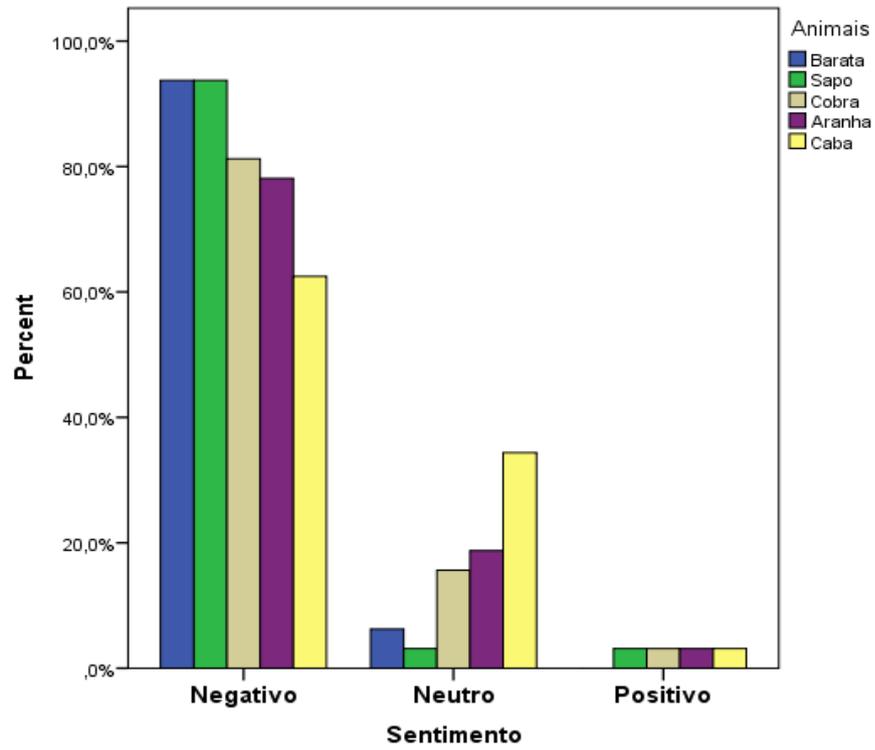


Figura 11 - Animais com tendência negativa na escolha pelos alunos.

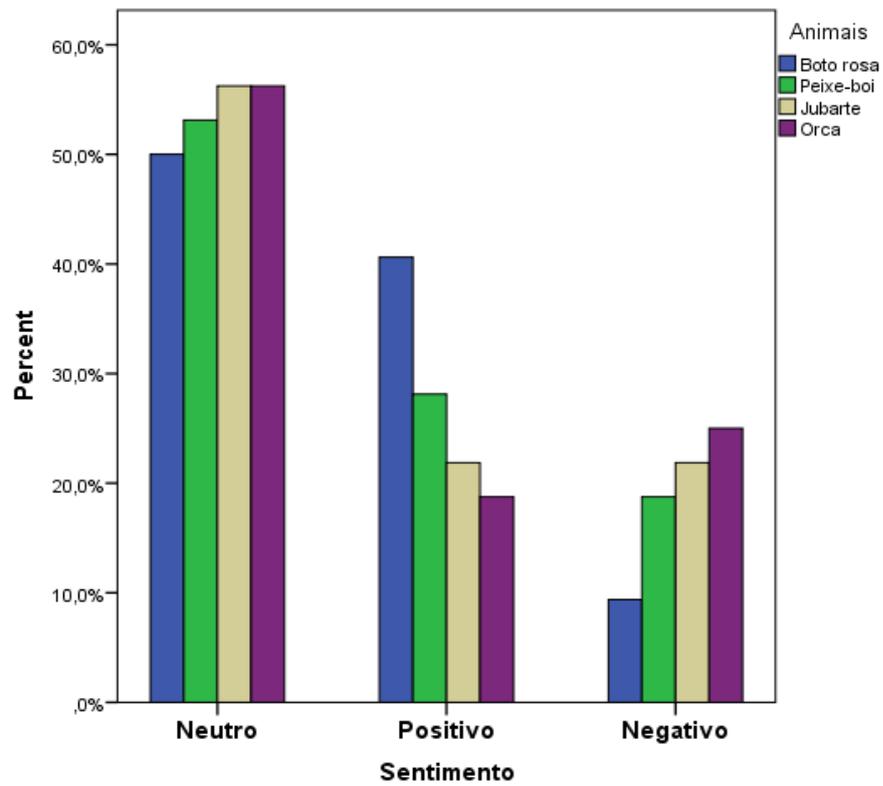


Figura 12 - Animais com tendência neutra na escolha pelos alunos.

Quando questionados sobre os motivos que levaram à escolha dos animais preferenciais, adjetivos como fofo, bonito, engraçado, legal, animado, foram englobados no grupo dos adjetivos positivos. O mesmo aconteceu com os animais que os alunos não demonstraram afeição e os adjetivos negativos atribuídos (nojento, feio, assustador, perigoso). Na tabela 3 estão expostas as demais justificativas aos sentimentos julgados pelos estudantes.

**Tabela 3 - Justificativas atribuídas aos sentimentos despertados pelos animais nos alunos.**

Categoria	Justificativa
Não sabe	Quando o aluno afirmava que não havia identificado o animal ou a partir de expressões e gestos comportamentais de negação.
Neutros	Para os animais que não estavam nas categorias de positivo e negativo, não perguntamos a justificativa, portanto, são os animais não escolhidos pelos alunos.
Zoológico	Atribuído à visita do animal no zoológico. Esse caráter tem fator positivo.
Pessoalmente	Atribuído como fator positivo quando o aluno havia observado o animal na natureza
Uso pet	Atribuído como fator positivo, quando o animal era utilizado como pet tanto pelo aluno, parentes ou conhecidos

Dentre as justificativas que levaram os alunos à escolha positiva, os motivos mais frequentes eram os adjetivos positivos relacionados à aparência e personalidade do animal, bem como a criação de animais de estimação. O que recai na fala de Soares (2012), que os “bons animais” são vistos como aqueles que aceitam o papel de subordinados pela sociedade, usados frequentemente como animais domésticos ou que possuam valor instrumental.

Animais como cachorro e gato já era esperada sua utilização como animais domésticos, no entanto, macaco, tartaruga e arara, que geralmente não são comuns a esse uso no meio urbano, observamos que tiveram grande expressividade de usos como pet, exemplificados na fala dos alunos abaixo.

*“Eu gosto de criar macaco, dar comida e cuidar.”* – Aluno da E.M.E.F Temístocles Raiol.

*“Eu tenho arara, ela come, bebe água. Ela fala quando está com fome.”* – Aluna da E.M.E.F José Leonardo

*“Às vezes eu pego ela, dou comida pra ela. Eu tenho uma em casa (tartaruga)”* – Aluna da E.M.E.F Temístocles Raiol

Esse padrão também foi encontrado no estudo de Erickson (2012) em comunidades indígenas, onde primatas e aves, chamados xerimbabos (animais domésticos), são adotados pelos índios que nutre sentimento de afeto por esses animais. Indicando que embora as escolas estejam localizadas em área predominantemente urbana, ainda existe forte relação com o a natureza, evidenciado pelo contato dos alunos com estes animais. Abaixo está a tabela com o percentual das principais justificativas acerca dos animais cuja a escolha foi positiva (Tabela 4).

**Tabela 4 – Tabela das justificativas mais frequentes dos animais com tendência positiva.**

Animais	Adjetivo positivo	Pet
Cachorro	59%	34%
Gato	69%	19%
Arara	41%	25%
Tartaruga	31%	22%
Boto cinza	31%	-
Macaco	25%	22%

Dentre as justificativas atribuídas pelos animais caracterizados negativamente (cobra, sapo, barata, aranha e caba), vemos que nojento, feio e assustador foram as motivações mais frequentes, confirmando o resultado encontrado em outras pesquisas. Percebemos que essa atribuição negativa não estava relacionada com experiências desagradáveis que as crianças tenham tido com os animais, e sim, com sua aparência ou característica comportamental. O que corrobora com estudos feitos a partir do senso comum que julga os insetos, aracnídeos, cobras e anfíbios como

sendo organismos nojentos, perigosos, repugnantes e inúteis para a sociedade. (Costa Neto e Carvalho, 2000; De Moura, 2010).

Com relação os mamíferos aquáticos, este foi o grupo que a maior parte dos alunos se mostrou indiferente. Dos cinco animais escolhidos para agrupar a categoria (peixe-boi, jubarte, orca, boto cinza e boto rosa), com exceção do boto cinza, todos foram enquadrados em mais de 50% nos animais neutros. Uma justificativa para tal resultado é que como essas espécies não tem ocorrência confirmada na região, esses alunos se mantêm indiferentes a eles.

Quando indagados sobre a baleia jubarte, 69% dos alunos fizeram uso da sinonímia baleia e 19% reconheceu como outros grupos de animais (tubarão, peixe e golfinho). Em se tratando dos sentimentos, 56% estiveram neutros a esses animais. Também obtivemos um relato de um estudante que informou ter vivenciado um encalhe de uma baleia: *“Eu gosto da baleia porque gosto de bater foto. Eu vi ela na praia do Atalaia, era um filhote e morreu.”* – Aluno da E.M.E.F José Leonardo. É importante destacar que na região do Salgado paraense tem registro de encalhes de grandes cetáceos como o último registrado em outubro de 2016 de um espécime de baleia Minke no município de Marapanim, através do Projeto Monitoramento de Praias (PMP) realizado pelo instituto BioMA.

Em se tratando da orca, dentre as sinonímias utilizadas, 31% dos entrevistados a caracterizou como baleia, 28% de orca, 22% não reconheceu e 19% reconheceu como outro animal, principalmente o tubarão. Com relação aos sentimentos, 56% demonstraram estar neutros à essa espécie, e os que se posicionaram em sua classificação, 19% classificou como positivo e 25% enquadrado negativamente. Esse resultado pode ser o reflexo de grande parte dos alunos não ter reconhecido ou confundido com outro animal (tubarão; peixe-agulha), bem como ao seu tamanho que para muitos alunos causavam sentimento de medo.

Diante os resultados das duas espécies acima, destacamos aqui duas hipóteses apresentadas por Andrade (2014) que sugere que, mesmo com a influência da mídia, os estudantes estão pouco atentos ou despreocupados com detalhes mais específicos que diferencia uma espécie da outra, fazendo uso apenas de termos semânticos gerais. A segunda hipótese pode ser que os alunos apenas se detêm ao tamanho e comportamento dos cetáceos, sem a preocupação com sua classificação.

Com relação ao peixe-boi, apenas 41% dos entrevistados reconheceu o animal como tal, no entanto, outras espécies de mamíferos aquáticos foram citadas (foca,

hipopótamo, leão marinho). Acreditamos que a dificuldade no reconhecimento se deu devido a imagem apresentada na metodologia, o animal se encontrava fora da água, o que pode ter confundido os estudantes ou devido sua semelhança com o os pínípedes (grupo que estão inseridos os leões marinhos, lobos, focas e morsas), onde inclusive no século 19 os peixes-bois foram classificados como uma forma tropical de morsa (Rodrigues et al., 2015). Quanto a afinidade, para 53% dos entrevistados esse animal foi enquadrado como neutro, o que demonstra certa indiferença por parte dos alunos, ainda que ele seja considerado uma espécie carismática, notamos que os alunos dessa localidade não o classifica como tal. Entretanto, 19% dos alunos atribuiu características positivas ao animal. Abaixo encontra-se a fala de um estudante que justifica sua afeição pelo animal devido ao contato com o exemplar vivo em cativeiro do bosque Rodrigues Alves, que abriga um macho adulto para visitação ao público. O que demonstra que a experiência com o animal pode ser um fator decisivo na percepção em que cada sujeito terá sobre uma espécie.

*Gosto muito de peixe boi, gosto de ver ele no bosque em Belém. – Aluna da E.M.E.F Temístocles Raiol.*

## Golfinhos Amazônicos

- *Inia* sp.

Em relação aos nomes atribuídos, 59% dos alunos nomeou o animal como boto/boto rosa, seguido de golfinho (25%) (Figura 13). Padrão já encontrado e descrito por Andrade (2014) e Rodrigues (2015). Porém atribuição de mais de um nome ao grupo é frequente. Rodrigues (2008; 2012) percebeu que dentro de uma comunidade, estudantes utilizavam vernáculos diferentes para nomear um mesmo animal, bem como em cada região pode haver diferentes denominações para se referir ao gênero (Emin-Lima et al., 2008).

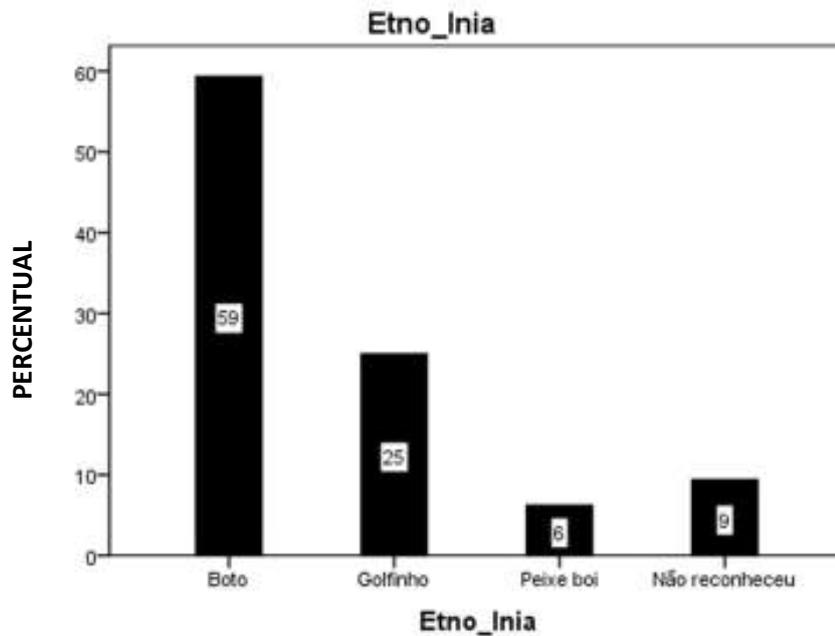


Figura 13. Gráfico dos nomes atribuídos ao boto rosa.

Em relação a afinidade com os animais, 50% dos entrevistados classificaram a espécie como neutra (Figura 14), se aproximando do padrão encontrado por Rodrigues (2015) com estudante na zona urbana (Belém) onde o sentimento de maior prevalência foi a indiferença. No entanto, tem verificado que nas regiões que estes animais estão presentes, esse padrão pode ser alterado dependendo da percepção ser humano/animal, já que nos estudos realizados em Alter do Chão por Rodrigues (2014) os entrevistados estão divididos em sentimentos como medo e alegria, que pode estar atrelado por causa do famoso festival que ocorre na região, o Çairé (

Evento festivo que envolve a competição do boto cinza e rosa, semelhante ao festival de Parintins, com os bois garantido e caprichoso). No entanto, nos estudantes de Abaetetuba, o medo é eminente, que pode estar relacionado por essa população viver diretamente dos recursos naturais, portanto, intimamente ligada com a pesca. É importante destacar que a percepção sobre os animais muda a cada lugar. Como mostra o estudo de Rodrigues e Silva (2012) que investigou as percepções de estudantes ribeirinhos em escolas públicas de duas localidades, a caracterização positiva foi mais presente nas verbalizações dos alunos da Prainha (Abaetetuba-PA) em contrapartida, as atribuições negativas foram citadas em maior número pelos estudantes do rio Sapucajuba (Abaetetuba-PA). A autora propõe que essa diferença pode ter ocorrido em função da pesca e a presença do gênero *Inia* sp. no rio Sapucajuba, onde causa prejuízo aos pescadores rasgando as redes de pesca.

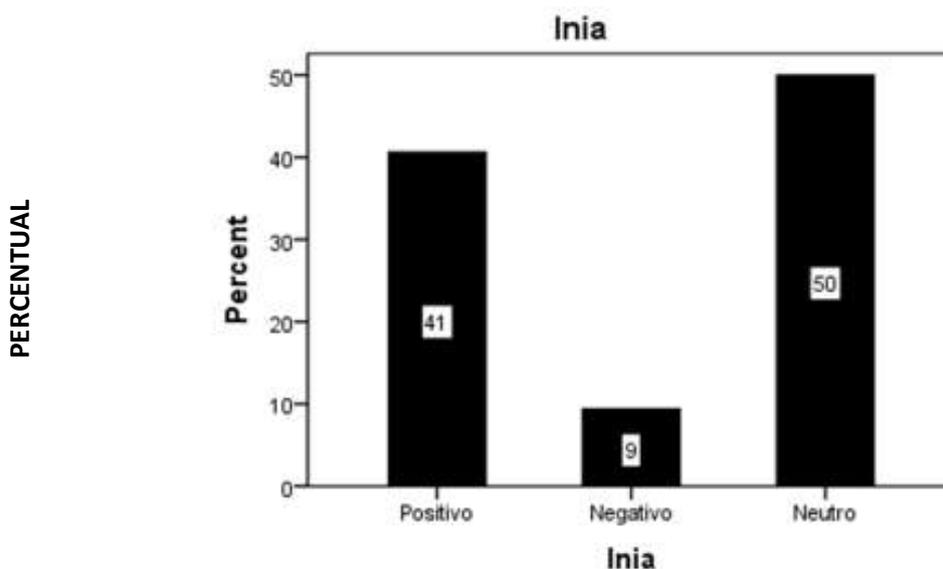
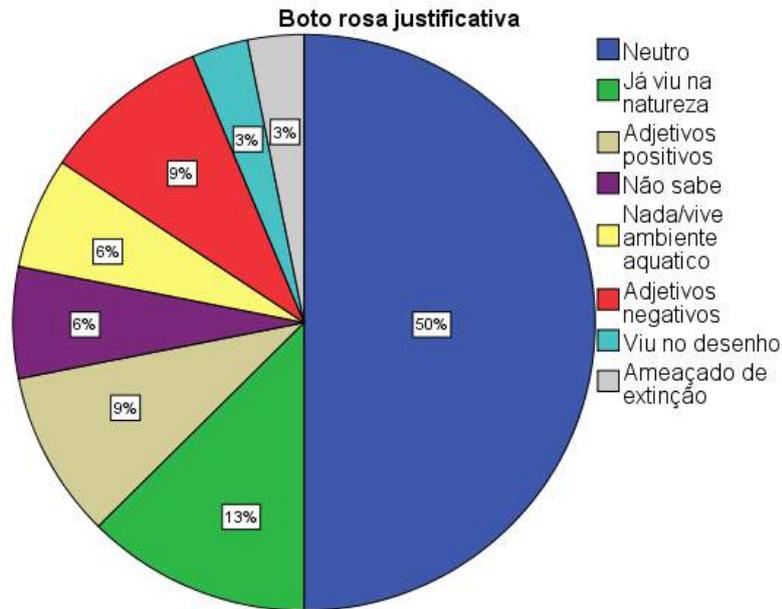


Figura 14 – Gráfico dos sentimentos despertados pelo boto rosa.

Observamos que 21% dos alunos da E.M.E.F José Leonardo afirmam gostar do animal por já tê-lo visto na natureza (Figura 15), mas não no município estudado – evidenciado pela fala do aluno abaixo.

*“Eu gosto de ver o boto, eu vi o boto no dia que estava saindo do Mota, com a lancha, aí eu vi o boto, a nadadeira de cima do boto”* – Aluno da E.M.E.F José Leonardo

O que nos leva a pensar que a visão que os estudantes nutrem ou não pelos animais está muito relacionado com a experiência com os mesmos.



**Figura 15 – Gráfico de justificativas atribuídas ao boto rosa.**

Em se tratando da lenda do Boto, 91% dos alunos afirmam conhecer a lenda, onde 66% diz não passar de estória e 16% afirma acreditar. Em ambas as escolas, muitos entrevistados disseram ter conhecido os animais a partir da lenda. Inclusive na sala de aula havia o desenho do animal com chapéu, fazendo alusão à lenda do Boto (Figura 16). Esse contato se deu em eventos como feira da cultura em que os alunos tiveram que encenar a peça sobre a mesma. Também foi relatado que na sala de aula foi reproduzido o vídeo do boto, evidenciado na fala abaixo.

*“A professora passou o filme do Boto. Ele é engraçado e se apaixona pela mulher.” – Aluna da E.M.E.F Temístocles Raiol.*



**Figura 16 - Desenho do Boto na E.M.E.F Temístocles Raiol (Fonte: Autora)**

Diante à essas respostas, novamente analisamos por cluster a fim de verificar se havia relação entre a crença na lenda e a profissão dos pais. Onde, 43% dos alunos que acreditam na lenda são filhos de pescadores e 14% dos filhos de pescador afirmam não saber dizer se acredita ou não, bem explicitados nas falas dos alunos abaixo.

*“ Mas todo mundo diz que era antigamente...”. Ele é um animal selvagem, mas também vira gente. Ele faz as pessoas se apaixonarem por ele. Eu acho que ele vira homem, o golfinho não. ” – Aluno da E.M.E.F José Leonardo*

*” Quando vi o boto o pai falou da lenda. Diz que a lenda dele, ele vira homem e chama atenção das mulheres e fica com as mulheres. Eu não sei se a lenda é real, eu já ouvi dizer que a lenda é real. Lá onde eu vi, dizia que muitas mulheres tiveram filho por causa do Boto. Uma vez meu avô contou essa lenda pra mim, aí comecei a gostar dele. Eu acredito sim (na lenda).” – Aluno da E.M.E.F José Leonardo*

Segundo Rodrigues (2008), a lenda do boto tem sido transmitida ao passar das gerações em grande parte da Amazônia, podendo ser considerada o “meme”

(fragmento de informação guardado no cérebro humano entre as pessoas, Dawkins, 1979), que reforça as conexões entre população e boto. Esse conhecimento geralmente é repassado por algum familiar e as crianças incorporam essas informações.

- *Sotalia* sp.

Dentre os mamíferos aquáticos apresentados no presente trabalho, *Sotalia* sp. obteve consenso de 94% dos estudantes em relação ao nome golfinho. Esse padrão é corroborado pelo estudo de Andrade (2014), que indica que essa associação é feita devido a sua aparência semelhante aos golfinhos apresentada pela mídia televisiva. No ponto de vista dos estudantes, foi o único mamífero aquático incluso no grupo dos carismáticos, com 63% de classificação positiva (Figura 17), onde 31% das justificativas foi atribuída em adjetivos positivos (Figura 18) e 19% pela visualização do animal na natureza (Figura 18), demonstrado na fala abaixo.

*“Eu vi o golfinho, ele era cinza e pulou na água ( praia do atalaia). Fiquei alegre quando eu vi o golfinho. Só que estava um pouco longe”- Aluna da E.M.E.F Temístocles Raiol*

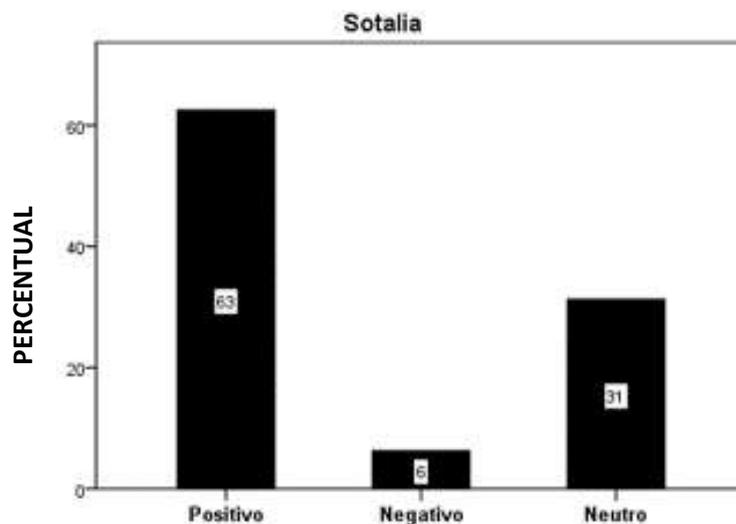
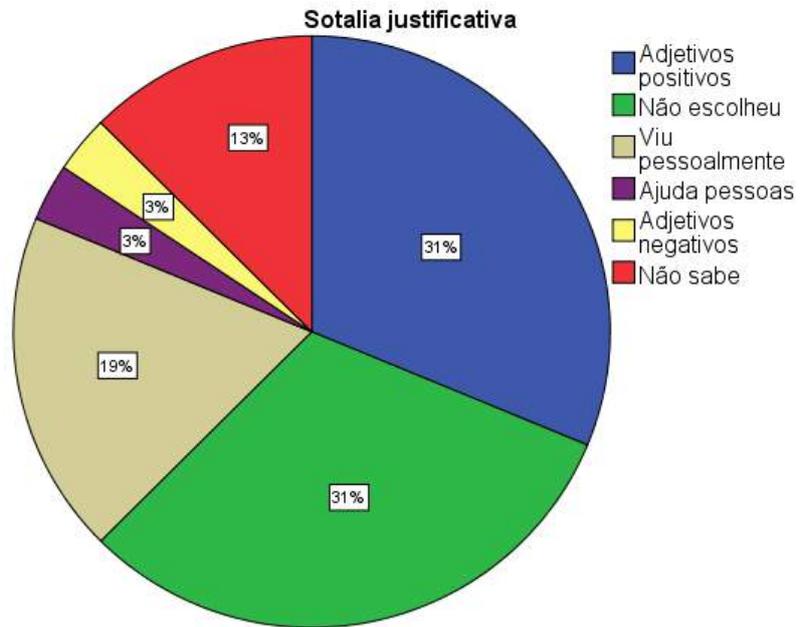


Figura 17. Gráfico dos sentimentos despertados pelo boto cinza.

É importante destacar que as praias do município estudado é área de ocorrência desses animais, onde já foi confundido com tubarão, como descrito na reportagem de novembro de 2015 do Diário Online (DOL), cujo o título era “Banhistas avistam suposto tubarão em Salinas”. Os banhistas que presenciaram o ocorrido disseram que o animal estava atacando um cardume na praia do Farol, porém pesquisadores do Instituto BioMA, afirmaram que o caso não passou de um boto da espécie *Sotalia guianensis*.



**Figura 18 - Gráfico de justificativas atribuídas ao boto-cinza.**

## 5.CONCLUSÃO

A partir dos resultados gerados no presente trabalho, toma-se como pressuposto o pensamento de que o significado e os valores simbólicos estão intimamente ligados nos pensamentos e atitudes que as pessoas nutrem pelos animais. De forma que, cada cultura enxerga determinado grupo de forma peculiar. Nas duas escolas onde foi realizado o estudo, percebemos que os sujeitos da pesquisa foram indiferentes ao boto rosa, porém a sua lenda se manifesta bem presente na fala desses estudantes.

No que se refere ao gênero *Sotalia* sp. os alunos se mostraram bem mais interessados, curiosos e atraídos em conhecer mais a espécie. Os critérios de escolha pelos botos deste gênero podem ter a ver com a influência da mídia e a aparência do animal com os golfinhos da família Delphinidae, que figuram personagens nos filmes e desenhos animados. Além de ser a espécie mais avistada em eventos de encalhes nas praias da região.

Como a maior parte dos alunos demonstrou indiferença pelo boto rosa, em um segundo momento retornaremos o trabalho para a comunidade em forma de palestras, cartilhas e oficinas de modo que as crianças se sensibilizem acerca desses animais e possam enxergá-los de forma mais positiva.

Propomos nessa pesquisa o desenvolvimento de projetos de conservação para as espécies de mamíferos aquáticos, tendo o boto cinza como espécie bandeira, para ser trabalhado em campanhas educacionais, com propostas de atividades educativas, tanto com a população local e turistas. É importante destacar que o trabalho e educação ambiental feito a partir da abordagem de espécie bandeira permite trabalhar o olhar do público para natureza, bem como conservar não somente a espécie, mas também associar a ela a defesa do ecossistema.

## 6.REFERÊNCIAS

ALVES, L. C. P. D. S.; ZAPPES, C. A.; ANDRIOLO, A. Conflicts between river dolphins (Cetacea: Odontoceti) and fisheries in the Central Amazon: a path toward tragedy? *Zoologia (Curitiba)*, v. 29, n. 5, p. 420-429, 2012.

ALVES, L. M. S. A. A tradição oral na Amazônia: a mitopoética dos espaços nas narrativas de encantamentos, visagens e assombrações. Em: ALVES, L. M. S. A. *Cultura e educação: reflexões para a prática docente*. Belém: EdUFPA, p.23-47, 2008.

ALVES, R. R. N.; ROSA, I. L. Use of tucuxi dolphin *Sotalia fluviatilis* for medicinal and magic/religious purposes in North of Brazil. *Human Ecology*. v.36, p.443 – 447, 2008.

ANDRADE, A.M.; MIRANDA, T.L.; CARRARA, D.C.C.; RODRIGUES, A.L.F.; SILVA, M.L. Etnobiologia, tecnologia e educação ambiental: uma contribuição para o ensino e conservação dos mamíferos aquáticos em escolas públicas do Pará. In: X Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia, 10., Montes Claros –MG. Anais...Montes Claros, SBEE. p. 49, 2014.

BARRETO, A. S. et al. Plano de ação nacional para a conservação dos mamíferos aquáticos: pequenos cetáceos. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), 2010.

BEST, C.R.; DA SILVA, M.F. *Inia geoffrensis*, Mammalian Species. The American Society of Mammalogists. v. 426, p. 1-8, 1993.

BEST, R.; SILVA, V. M. F. Amazon River dolphin, Boto *Inia geoffrensis* (de Blainville, 1817). In: Ridgway, S. H.; Harrison, R. J.. Handbook of marine mammals. London: Academic Press, p.1-23, 1989.

COSTA-NETO, E. M.; CARVALHO, PD de. Percepção dos insetos pelos graduandos da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil. Acta Scientiarum, v. 22, n. 2, p. 423-428, 2000.

DA SILVA, VERA; GOULDING, MICHAEL; BARTHEM, RONALDO. Golfinhos da Amazônia. INPA-Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 2008.

DE MOURA, MÁRIO RIBEIRO et al. Pessoas e cobras: relacionamento entre humanos e serpentes no leste de Minas Gerais, sudeste do Brasil/People and snakes: the relationship between humans and snakes in eastern Minas Gerais, southeastern Brazil. Biota Neotropica, v. 10, n. 4, p. 133, 2010.

DOL [online] Disponível na internet via [www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-350057-.html](http://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-350057-.html) - Acessado em 03/03/2017.

EMIN-LIMA, R.; RODRIGUES, A. L. F.; SOUSA, M. E. M.; ARCOVERDE, D. L.; SANTOS, G. M. A.; MARTINS, B. M. L.; SILVA-JÚNIOR, J. S.; SICILIANO, S. Os mamíferos aquáticos associados aos manguezais da costa norte brasileira. In: PESSOA, L. M; TAVARES, W. C E SICILIANO, S. Mamíferos de restingas e manguezais do Brasil. Sociedade Brasileira de Mastozoologia. p. 45-57. 2010.

ERIKSON, PHILIPPE. Animais demais... os xerimbabos no espaço doméstico matis (Amazonas). Anuário Antropológico, n. II, p. 15-32, 2012.

IBGE, IBGE. **Acesso em**, v. 6, 2016.

LIMA, DEBORAH DE MAGALHÃES. O homem branco e o boto: o encontro colonial em narrativas de encantamento e transformação (médio rio Solimões, Amazonas). *Teoria e sociedade*, p. 173-201, 2010.

MANZINI, EDUARDO JOSÉ. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, v. 2, p. 10, 2004.

MENDONÇA, LÍVIA EMANUELLE TAVARES ET AL. Conflitos entre pessoas e animais silvestres no semiárido paraibano e suas implicações para conservação. *Sitientibus Série Ciências Biológicas*, v. 11, p. 185-199, 2011.

NETO, ERALDO MEDEIROS COSTA; RESENDE, JANETE JANE. A percepção de animais como “insetos” e sua utilização como recursos medicinais na cidade de Feira de Santana, Estado da Bahia, Brasil-DOI: 10.4025/actascibiolsoci. v26i2. 1612. *Acta Scientiarum. Biological Sciences*, v. 26, n. 2, p. 143-149, 2008.

PIAGET, JEAN, 1896-1980. *A representação do mundo da criança: com o concurso de onze colaboradores*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005.

PREFEITURA DE SALINÓPOLIS [online] Disponível na internet via [www.salinopolis.pa.gov.br/index.php/2013-09-11-19-33-25](http://www.salinopolis.pa.gov.br/index.php/2013-09-11-19-33-25) - Acessado em 05/03/2017.

REEVES, R. R. Dolphins, whales and porpoises: 2002-2010 conservation action plan for the world's cetaceans. IUCN, 2003. ISBN 2831706564.

RODRIGUES, A.L.F. O boto na verbalização dos estudantes ribeirinhos: uma visão etnobiológica. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil, 2008.

RODRIGUES, A.L.F. Conhecimento etnozoológico de estudantes de escolas públicas sobre os mamíferos amazônicos que ocorrem na Amazônia. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil, 2015.

RODRIGUES, A. L. F., & DA SILVA, M. L. Botos: realidade e fantasia na concepção de estudantes ribeirinhos do estado do Pará, Brasil. *Natural Resources*, 2(1), 29-43, 2012.

ROMAGNOLI, FERNANDA CARNEIRO, ET AL. "Proposta para o turismo de interação com botos-vermelhos: como trilhar o caminho do ecoturismo?." Capa 4.3, 2011.

SANTOS, G. M. A.; QUARESMA, A. C.; BARATA, R. R.; MARTINS, B. M. L.; SICILIANO, S.; SILVA-JR., J. S.; EMIN-LIMA, R.. Etho-ecological study of the Amazon River dolphin, *Inia geoffrensis* (Cetacea: Iniidae), and the dolphins of the genus *Sotalia* (Cetacea: Delphinidae) in Guamá River, Amazonia. *Marine Biodiversity Records*, v.5, e.23, p.1-5, 2012.

SANTOS-FITA, Dídac; COSTA-NETO, Eraldo Medeiros. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozologia. *Biotemas*, v. 20, n. 4, p. 99-110, 2007.

SCAVRONI, J.; PALEARI, L. M.; UIEDA, W. Morcegos: realidade e fantasia na concepção de crianças de área rural e urbana de Botucatu, SP. **Simbio-logias, Botucatu**, v. 1, n. 2, p. 1-18, 2008.

SLATER, CANDACE. A festa do boto: transformação e desencanto na imaginação amazônica. Funarte, 2001.

SOARES, FILIPA FERREIRA. Antropologia e conservação da natureza. O caso de uma possível reintrodução de espécies outrora emblemáticas no Parque Natural da Serra da Estrela (Portugal). 2010. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

TRUJILO, F., CRESPO, E., VAN DAMME, P. A. & USMA J. S. (Editors). (2010). The Action Plan for South American River Dolphins 2010 – 2020. WWF, Fundación Omacha, WDS, WDCS, Solamac. Bogotá, D. C., Colombia. 249p  
World Wide Fund for Nature-WWF. River Dolphins and People: Shared Rivers, Shared Future, 2010.

## ANEXO - Ficha para entrevista semiestruturada

NOME: \_\_\_\_\_ IDADE: \_\_\_\_\_

- Chamar os alunos pelo desenho e pedir para que falem sobre o desenho.
- Profissão da mãe?
- Profissão do pai?
- Você costuma ir à praia?
- Com que frequência?
- Quais animais você já viu na praia?

Colocar o jogo de imagens e solicitar que os alunos separem os animais que gostam e não gostam.

- Perguntar a motivação da escolha positiva, negativa e neutra.
- Você já viu pessoalmente esse animal? Se sim, onde?
- Você costuma ver esse animal onde mora?

Sobre a lenda do Boto

- Você acredita na lenda do Boto?

( ) Sim

( ) Não